

**Notas de reflexão em torno da escrita das mulheres, antes do século XX, na literatura portuguesa**

**Reflection notes on women's writing in the Portuguese literature written before the 20th Century**

Fabio Mario da Silva\*  
famamario@gmail.com  
Universidade de São Paulo

---

**RESUMO:** Este trabalho pretende demonstrar, de maneira bem sucinta, que a história da literatura, pelo menos no que concerne à literatura portuguesa, é fortemente demarcada pelo conceito masculino de autoria, de tal forma que quase omite a produção literária feminina, sendo esta restrita, adicionalmente, a produções anteriores ao século XX. Tendo em vista esses aspectos iremos demonstrar, através de alguns pontos de reflexão, como essa ideia está sedimentada de tal forma que, entre leigos e especialistas, não se consegue crer que existam produções significativas de mulheres, no contexto português, antes da era vicentista.

**PALAVRAS-CHAVE:** História. Literatura. Portugal. Mulheres escritoras.

**ABSTRACT:** This work intends to briefly demonstrate that the history of literature, at least in what concerns the Portuguese Literature, is strongly demarked by the masculine concept of authorship in such way that it almost omits women's literary production, which is restricted to works produced before the 20th century. Taking those aspects into account, we will demonstrate, through some points of reflection, how this idea is so sedimented that among lay people and specialists it is not possible to believe that there may be significant productions written by women in the Portuguese context before the Vincentian era.

**KEYWORDS:** History. Literature. Portugal. Women writers.

---

\* Doutor em Literatura pela Universidade de Évora, Portugal e pós-doutorando pela Universidade de São Paulo (USP) com bolsa pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

*Ao Grupo CNPq, Figurações do Feminino, e à nossa eterna orientadora,  
Maria Lúcia Dal Farra*

Quando se fala em História da literatura em Portugal, encontramos uma assimilação imediata com a produção literária masculina. Em *Uma história na História*, Chararina Edfeldt (2006) expõe os mecanismos discursivos que causaram a exclusão (ou a marginalidade) em relação a um cânone português de autoria masculina, identificando vários padrões recorrentes na construção das mulheres escritoras como um “Outro” dentro da História Literária portuguesa. Tal como sintetizado em Owen e Pazos Alonso (2011, p. 20), são fenômenos recorrentes: a dificuldade em relacionar mulheres escritoras com categorias de classificação predominantes tais como os movimentos e gerações literárias que convencionalmente estruturam as histórias literárias; a falta de uma contextualização sociopolítica e literária; a ausência de uma cartografia das genealogias da escrita de autoria feminina; e, finalmente, o silenciamento do conteúdo político de obras que lidam com desigualdades de gênero e questões feministas.

Por seu turno, Vanda Anastácio (2005) alerta-nos sobre a errônea ideia de um cânone quase exclusivamente masculino, pelo menos no que concerne às produções literárias portuguesas anteriores ao século XX<sup>1</sup>. A autora conclui que há uma série de mulheres que produziram textos antes deste século, e que, permanecendo no anonimato, precisam ser resgatadas:

Sabendo que a generalidade das mulheres não tinha acesso à educação, parece aceitável que, as que tinham, estivessem de tal modo limitadas que se conformassem com os seus papéis de esposas e de mães. Mas a verdade é que, ao estudar a literatura produzida entre a segunda metade do século XVIII e os anos 30 do século XIX, tropeçamos continuamente em factos que parecem desmentir esta ideia (ANASTÁCIO, 2005, p. 539).

No levantamento que realizámos aquando da elaboração do projeto de pós-doutorado, apresentado em 2013 à Universidade de São Paulo, comprova-se que não é apenas relativamente aos séculos XVIII e começo do XIX, como referido por

---

<sup>1</sup> Constatamos a importante obra da qual Vanda Anastácio é a organizadora: *Uma antologia improvável: a escrita das mulheres (séculos xvi a xviii)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013. Aqui se revelam, além de diversos textos de homens sobre seu pensamento em relação às mulheres e ao feminino, fragmentos de diversos tipos de textos produzidos por escritoras no contexto português.

Vanda Anastácio, que nos deparamos com uma quantidade significativa de mulheres escritoras. Nesse levantamento de sondagem pudemos identificar nada menos que cerca de 70 escritoras <sup>2</sup>, tão só relativamente ao intervalo temporal entre o século XV e o XVIII, das quais se poderão citar, apenas a título de exemplo: Bernarda Ferreira de Lacerda, Mariana de Luna, Arcângela Josefa de Sousa, Soror Eugénia dos Reis, Filipa Borges Barreto, Paula da Graça e Soror Maria de Mesquita Pimentel, escritora da qual voltaremos a falar no decorrer deste trabalho.

Assim, reafirmam-se as conclusões de Anastácio (2005) quando diz que, realmente, “tropeçamos” academicamente em fatos que desmentem a impossibilidade de se fazer uma narrativa historiográfica feminina anterior ao século XX <sup>3</sup>. Esta “cegueira” universitária é tão acentuada que, como observa Chatarina Edfeldt (2006, p. 23), o espaço físico conferido às escritoras, as páginas que lhes são dedicadas nas histórias da literatura portuguesa, é mínimo: na *História da Literatura Portuguesa*, de Lopes e Saraiva, é de 8%; no *Dicionário da Literatura Portuguesa*, de Álvaro Manuel Machado, é de 7%; no *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* varia, consoante os volumes, entre 8% e 21%; no *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira e Galega*, organizado por Jacinto do Prado Coelho, a representação escasseia. Vanda Anastácio (2013, p. 19) observa, por seu turno, que os citados manuais aglutinam em referência conjunta toda a produção “anterior ao século XX”, numa oscilação ainda menor: entre 3% a 5%. Similarmente, através de sua análise das diversas histórias de literatura portuguesa e sua relação com as escritoras do começo do século XX (que são as mais referidas), Edfeldt chega à seguinte conclusão:

Em geral, a autoria feminina, caso seja incluída, encontrá-la-emos resumida num capítulo próprio e breve, começando por afirmações que destacam a autoridade dessa mesma autoria em relação aos temas e autores tratados no contexto geral das obras historiográfico-

---

<sup>2</sup> Contudo, este não é um valor exato, visto que há muitas outras mulheres que escreveram e que não estão catalogadas nem em dicionários literários, nem em antologias, histórias literárias ou enciclopédias e muitas de suas peças podem estar em manuscritos ainda não identificados. Nossas pesquisas se basearam no *Dicionário de Escritoras Portuguesas* (2009) de Constância Duarte, Conceição Flores e Zenóbia Moreira, *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Inocêncio Francisco da Silva, e na importante obra *Bibliotheca Lusitana* (1752) de Diogo Barbosa Machado, além de consultas a várias histórias da literatura portuguesa. Contudo, o trabalho continua tendo em vista fichas manuais ainda a serem investigadas, tanto na Biblioteca Nacional de Portugal quanto na Torre do Tombo, bem como na Biblioteca Pública de Évora. Ressalve-se também que contabilizamos obras de mulheres sejam elas impressas ou manuscritas.

<sup>3</sup> Vanda Anastácio (2005) se contrapõe ao estudo de Anna Klobucka (2008) que reflete sobre a impossibilidade de uma “herstory” na literatura portuguesa.

literárias. Nas suas representações manifesta-se, também, o padrão de negligência que continua a acompanhar a autoria feminina da primeira metade do século XX até hoje (EDFELDT, 2006, p. 75).

Este fato é de grave seriedade, uma vez que reproduz uma série de preconceitos e equívocos. Por exemplo, no nosso trabalho de doutorado, apresentado à Universidade de Évora, em 2013, foi elaborado um inquérito aplicado a um público específico: professores de literatura portuguesa dos cursos de licenciatura<sup>4</sup>, em Portugal, no Brasil e nas principais universidades europeias, num total de 44 sujeitos (o que não revela, claro, a totalidade do pensamento do corpo docente de literatura portuguesa, mas nos dá uma amostra do que possivelmente poderíamos encontrar num inquérito mais alargado a este público específico). Nos resultados obtidos, salvo raras menções à Marquesa de Alorna, a Mariana Alcoforado e a Luiza Sigeia, praticamente não encontramos referências a mulheres escritoras anteriores ao século XX:

No inquérito por nós levado a cabo, já aqui mencionado, também viemos a encontrar referências implícitas da pouca relevância atribuída à literatura feminina. Mas foi também demonstrativo de que os entrevistados, na sua maioria, assumem a qualidade dos textos produzidos por mulheres e ponderam sobre a necessidade de superar os estereótipos aplicados à literatura; por exemplo, tendo em vista um total de 34 escritoras, estas foram citadas 123 vezes como produtoras de uma *boa* literatura, destacando-se Agustina Bessa-Luís (17), Florbela Espanca (12), Lídia Jorge (11) e Sophia de Melo Breyner Andresen (9). Dois professores apontaram a má qualidade desses textos, sendo que 11 não tiveram opinião formada sobre este assunto. Acima de tudo, a tal literatura é ainda atribuída pouca importância. E alguns indivíduos (7) fazem questão de lembrar que a já de si pouca relevância atribuída se denota apenas para as autoras dos séculos XX e XXI, o que significa que a necessidade de voltar os estudos académicos para escritoras de séculos passados se configura como uma emergência na literatura portuguesa (SILVA, 2013, p. 153).

E mesmo numa interpelação sobre um assunto tão pessoal, como seja o campo especulativo das preferências individuais dos professores,

---

<sup>4</sup> Escolhemos especificamente este tipo de professor universitário, tendo em conta que nem todos os alunos prosseguirão para mestrado e/ou doutorado, e que muitos deixam o ensino académico apenas com a licenciatura. Este tipo de profissional é o que está mais envolvido na formação dos futuros professores/leitores que levarão, posteriormente, para a sala de aula todo o seu conhecimento e entendimento da literatura, o que influenciará, cremos, a maneira como se retrata e valoriza a autoria feminina, perpetuando, desde as séries iniciais até à final, a sua ideologia referente à produção literária feminina.

independentemente do século de produção, “aparece um número maior de mulheres escritoras citadas (mesmo assim, numa discrepância de 37 referências em comparação a 220 autores) mas as quais são, na sua totalidade, quase todas nascidas no século XX” (SILVA, 2013, p. 31). Esta problemática é de tal ordem que encontramos pontos de semelhança entre os discursos de críticos renomados que analisam obras de escritoras e um discurso misógino escrito séculos antes, mais precisamente no século XVI, pelo Dr. João de Barros (1522-1553)<sup>5</sup>:

Assi que digo que as mulheres tem mui pouca constância, e muitas delas são vãs. E de sua natureza tem no princípio Presunção, no meio Desacordo, no fim Vergonha. E *comummente vivem per paixão e não per razão* [...] E não pode a mulher fazer a seu marido maior mezinha para lhe querer bem que conformar-se com sua condição e aprazer-lhe em tudo (BARROS, 2013, p. 50-51; grifo nosso).

Atente-se agora no discurso estereotipado de um nosso contemporâneo crítico literário, Massaud Moisés, que afirma, em relação aos versos de Florbela Espanca: “Vê-se que pode ser aproximada dos grandes sonetistas da língua [...], embora deles difira numa série de pontos (resultantes, no geral, de *ser uma mulher e por isso cantar apenas o Amor*)” (MOISÉS, 1981, p. 425; grifo nosso). Fica evidente que este tipo de pensamento crítico aplicado à obra literária feminina tem que ver com os estereótipos <sup>6</sup> historicamente atribuídos às mulheres, geradores de preconceitos sobre a autoria (ou condição) feminina, que perduram há séculos, como sejam uma exacerbada sentimentalidade e o amor como temática exclusiva <sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> O Dr. João de Barros (2013) elogia algumas mulheres nesta obra, mas este elogio parte da ideia que ele tem de “mulher” e de “feminilidade”, controlada, evidentemente, pelo poder masculino.

<sup>6</sup> O estereótipo é entendido, de forma geral, como uma opinião pré-formada que se impõe como *clichê* aos membros de uma coletividade (PIÉRON, 1977, p. 161). Este conceito também é, para a psicologia social, uma crença ou representação, rígida e simplificadora, partilhada por um grupo social, revelando, por vezes, um preconceito caricatural e motivador de diferenciação – por isso os caracteres nacionais, raciais e étnicos são exemplos de estereótipos. Salienta Mitchell (1970, p. 183-184) que o estereótipo é uma concepção assente na tendência de uma “crença” alargada a todo um grupo social ou sociedade, sendo usado também para significar uma disposição simplificadora de um conteúdo, juntamente com a intenção de resistir à prova factual do contrário; serve, muitas vezes, para delimitar, convenientemente, reduzindo ao máximo o seu sentido, modelos simplificados de autodefinição, ajudando na compreensão de grupos ou pessoas.

<sup>7</sup> Amor esse que outrora condenou Florbela, já que a sociedade moralista da altura a rechaçou justamente por escrever versos de amor que na sua época tinham conotações sexuais. Aliás, Florbela Espanca é a primeira escritora na história da literatura a criar uma cisão no que diz respeito às temáticas impostas às mulheres, visto que Camões e Bocage escreveram versos tão eróticos como os de Florbela e nem por isso foram condenados socialmente como esta o foi. Recorde-se o que escreveu José Augusto Alegria (1955), padre da arquidiocese de Évora, na obra intitulada *A poetisa Florbela Espanca: o processo de uma causa*, na qual tenta mostrar aos leitores que não há qualidade literária nos versos de Florbela; afirma que, em tais versos, como na maioria da obra da

Já Hernani Cidade, por exemplo, relativamente à Marquesa de Alorna e sua obra, destaca o seu papel como mulher, o que faz com que sintamos “simpatia” por ela:

Alcipe é uma alma viva e não nos abeirámos decerto da sua intimidade afectiva e mental sem sentir o coração aquecido de simpatia por ela. Ela é uma escritora em quem as curiosidades de intelectual ou as abstracções de filosofante não secaram a flôr espiritual da sensibilidade feminina, da meiguice portuguesa, pois soube ser filha, irmã, esposa e mãe (CIDADE, 1930, p. 83).

Este discurso funda-se em estereótipos que associam o feminino à sentimentalidade e à maternidade, cumprindo, a Marquesa, a função social que lhe foi destinada na qualidade de mulher e nobre. Mesmo uma escritora e crítica conceituada do começo do século XX, Thereza Leitão de Barros reproduz estereótipos referentes ao entendimento de um feminino social, conferindo à biografia da Marquesa um maior destaque do que à sua própria obra:

Vida agitada e linda como a sua, só a sua radiosa actividade a poderia ter vivido, e porque essa existência, luminosa e alva como um primeiro sorriso de amor, foi regrada por uma vontade forte e perfumada por uma graça frágil, é ela a sua melhor obra, obra que vale por um tumultuoso romance de mil páginas (BARROS, 1924, p. 59).

Os críticos Massaud Moisés, Hernani Cidade e até uma mulher estudiosa de literatura de autoria feminina, Thereza Leitão de Barros, fundam suas críticas em antigos preconceitos (que exemplificámos com o excerto do Dr. João de Barros) relativos não só ao trabalho literário das mulheres, mas também à sua própria condição feminina.

Essa problemática de desvalorização na história da literatura portuguesa é de tal maneira demarcada que gostaríamos de exemplificar com um caso concreto, o

---

escritora, perpassa certa blasfêmia e promiscuidade, já que é a primeira vez que uma mulher na literatura portuguesa ousou escrever aquilo que era apenas permitido aos homens, epitetando a sua obra com certo teor à/de bordel: “Florabela Espanca é sincera, mas a sua sinceridade tresanda a bordel, em sonetos que não reproduzo, por respeito aos que porventura me lerem [...]. A sinceridade de Florabela Espanca é a pura expressão dos seus actos: e se seus actos são imorais, a sua sinceridade é imoral” (ALEGRIA, 1955, p. 126). Vale salientar que outra contemporânea de Florabela, Judith Teixeira (outra pioneira que teve seus livros queimados em praça pública, juntamente com as obras de António Botto e Raul Leal, por produzirem uma obra de teor sodomita), também se tornou uma transgressora a inscrever um discurso amoroso-erótico e, ainda para mais, sáfico, igualmente chocando os mais conservadores no Portugal do começo do século XX. No entanto, recorde-se que Judith Teixeira teve sua estreia literária em 1923 com *Decadência*, e Florabela estreia antes, em 1919, por isso atribuímos o pioneirismo primeiramente referido a Florabela e não a Judith.

de Soror Maria de Mesquita Pimentel (1581-1661) <sup>8</sup>, primeira mulher a escrever e publicar em Portugal, ainda que parcialmente (da trilogia épica que criou apenas veio a lume a primeira parte, permanecendo as outras duas <sup>9</sup> manuscritas até hoje), uma epopeia escrita em língua portuguesa. Sua obra passou por vários censores como, por exemplo, o Doutor Frei Gaspar dos Reis, Frei Arsenio da Paixão, Frei Theodosio de Lucena e Frei Damaso da Apresentação, que refere, por seu turno, não ter encontrado nada nesta oitava rima que vá contra a fé Católica, sendo esta obra ornada de “varios & altos conceitos, tudo verificado tão elegantemente que mostra grandeza de engenho natural, & artificioso”, acreditando que tal erudição feminina só foi possível graças a uma intervenção divina: “Ihe falou Deus ao coração, e ela só à voz do divino Esposo Ihe aplicou sempre a orelha”, crendo que Ihe parece “obra superior a hum sogeito feminino” (APRESENTAÇÃO, 1639, [s.p.]) e acrescentando que:

[...] os varões mais insignes aprederem a Theologia mystica no secreto da oração mental, & a escolastica nas escolas publicas: esta serva de Deos parece que aprendeo hua & outra nos seus exercicios espirituaes, & e nelles Ihe devia o santo Evangelista emprestar as azas com que sobio ao conhecimento do Verbo eterno (APRESENTAÇÃO, 1639, [s.p.]).

Aliás, a própria Soror Pimentel revela no prólogo desta obra “pois que tao limitado/ Pulsa meu saber humano” (PIMENTEL, 1639, [s.p.]) – ou seja, assume a falibilidade da sua condição humana ao falar de um tema divino, como também, assim parece, o fato de ser uma narradora a cantar esses versos heróicos.

O pensamento fundado na incredibilidade da capacidade intelectual feminina sem a intervenção de uma instituição surge porque no contexto ocidental europeu, como adita Michel Foucault (1994b, p. 29), o comportamento do sexo feminino (analisado sob a ótica greco-romana) está quase sempre sob o poder do outro (pai, marido, tutor). Relativamente ao caso em análise, Soror Maria Pimentel não tinha, assumidamente, formação escolar – que seria dominada no seu século e na região

---

<sup>8</sup> Estas datas são referidas por Diogo Barbosa Machado (1752) na sua *Biblioteca Lusitana*.

<sup>9</sup> Segundo Diogo Barbosa Machado (1752), esses outros dois tomos seriam a continuação da história da infância de Cristo: *Consta da vida, e milagres de Christo* (segunda parte) e *Consta da Paixão do Redentor* (terceira parte). Estes manuscritos são objeto do meu corrente estudo de pós-doutorado, intencionando-se a edição moderna desta trilogia.

onde professou, Évora <sup>10</sup>, por homens que, na sua maioria, faziam parte do clero – e seria quase um milagre que pudesse ser autodidata, pelo menos na visão do censor. Por isso, a crença daqueles numa intervenção divina sobre a autora, fruto, evidentemente, da estratificação e divisão social dos gêneros. Isto se prende, como assim observa Vanda Anastácio, em relação à produção literária feminina entre o século XV e o XVIII, com mitos e estereótipos em volta das mulheres:

A construção social quer da feminilidade, quer da masculinidade assentava numa lógica de diferenciação que era apresentada como uma desigualdade *natural* e justificada com interpretações (hoje contestadas) dos textos bíblicos que associavam a mulher à culpa do pecado original [...] ou a representavam simbolicamente como um ser inferior ao homem, que deveria ficar subordinado à vontade, à palavra e à orientação masculinas [...] num mundo em que o destino natural e inelutável das mulheres era a dedicação à vida conjugal e às tarefas da maternidade, as actividades de espírito tenderiam a ser vistas como ocupações próprias dos homens e a aproximação das mulheres ao conhecimento encarada com desconfiança (ANASTÁCIO, 2013, p. 29-30; grifo da autora).

Isto tudo acontece, como lembra Casares (2008), porque os estereótipos de gênero (atribuições sociais aos sexos) criam modelos vazios numa estrutura de contrastes e relações, na qual se incluem noções e valores que podem ser manipulados e utilizados para um devido fim. Existe uma necessidade individual, em todos nós, de nos adequarmos pessoalmente aos estereótipos sociais, correspondente à necessidade de estarmos socialmente integrados; por isso, esta “estabilidade” dos estereótipos de gênero se apoia num círculo social que produz um mecanismo de “retroalimentação” existente entre as imagens mentais (símbolos arquetípicos) e as condições reais do homem e da mulher. Tal estabilidade se denota dentro de cada sociedade, não sendo este modelo similar entre sociedades:

Ser socialmente masculino en Escocia no está reñido com levar falda. No obstante, las personas que no se adaptan a los estereótipos de género de una determinada sociedad son

---

<sup>10</sup> Segundo Antónia Fialho Conde (2009), há ainda, do ponto de vista histórico, perguntas a serem respondidas em relação à biografia de Soror Maria de Mesquita Pimentel, referindo que as informações sobre a vida desta monja revelam informações contraditórias, como, por exemplo, o nome de seus pais e a sua cidade de origem: “o contrato de dote de sua irmã Escolástica, religiosa no mesmo mosteiro, surge na documentação de S. Bento de Cástris, na altura com 14 anos, e foi celebrado em Fevereiro de 1612; segundo este contrato, era filha de Luís Mesquita Pimentel e de Domingas da Silva” (CONDE, 2009, p. 353). Contudo, segundo outras fontes, a “religiosa era dada como pertencendo ao mosteiro cisterciense de Celas, filha de João Pimentel da Silva, e originária de Estremoz” (CONDE, 2009, p. 353).

consideradas geralmente como personas anómalas porque la desviación del estereótipo de género suele estar socialmente condenada, con la intención de mantener el orden sexual-generizado imperante (CASARES, 2008, p. 52-53).

Contudo, é evidente que os estereótipos de gênero são, em suma, quase sempre muito semelhantes, principalmente se analisarmos a condição feminina em diferentes sociedades. Ou seja, os papéis dos estereótipos de gênero formados até hoje foram sendo desenvolvidos ao longo do tempo no pensamento da sociedade patriarcal, sendo um movimento simplificador de formação social: “Le stéréotype est une idée conventionnelle, associée à un mot dont une culture donnée [...] Le stéréotype est une partie de la signification, qui répond à l’opinion courante associée au mot” (AMOSSY; PIERROT, 1997, p. 89). Acima de tudo, a relação do estereótipo com o gênero atribui certos traços e papéis ao homem e à mulher, e isso acontece, segundo Susana Costa e Susana Marta Santos, porque utilizamos informações armazenadas na nossa memória para dar sentido aos estímulos que recebemos do mundo social no qual estamos inseridos:

Os estereótipos são definidos pela orientação cognitiva como categorias cognitivas compostas por conjuntos de crenças inter-relacionadas acerca dos grupos sociais. Estas categorias permitem-nos pensar acerca de uma pessoa, objecto ou acontecimento em termos das suas semelhanças ou diferenças em relação a outra informação já armazenada nas categorias da memória (COSTA; SANTOS, 1997, p. 17).

Aqueles que acreditam (independentemente de serem feministas ou não) que a literatura é uma prática institucionalizada independente do sexo de quem a produz, poderiam realmente entender o sistema literário sem o peso de um condicionamento histórico-misógino (que institui os estereótipos) tão forte que afeta não apenas o reconhecimento de muitas mulheres que escreveram, mas acaba por imbuir nas próprias autoras a aceitação de tais estereótipos como meio de legitimar uma aceitação por parte das funções patriarcais estabelecidas – como vimos no caso de Soror Maria de Mesquita Pimentel, exemplificativo de tantos outros que aqui não seria possível abordar <sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Para um maior aprofundamento, consultar minha tese de doutorado, intitulada *Cânone literário e estereótipos femininos: casos problemáticos de escritoras portuguesas* (SILVA, 2013), na qual discuto a problemática de reconhecimento não só da crítica, mas das próprias escritoras que acabam assimilando essas ideias, muitas vezes de maneira estratégica. Cite-se, por exemplo, Joana da

Enfim, percebemos o quanto esta ideia está tão sedimentada e o quão condicionado está o nosso discurso acadêmico, rodeado por estruturas sociais patriarcais e mantenedoras de certas ideias e estatutos. Isto quer dizer que mesmo as autoras contemporâneas passam por um processo de reconhecimento e validação, como bem observam Hilary Owen e Cláudia Pazos Alonso: “Although a patrilinear evolutionary model undoubtedly structures national literary history in Portugal almost to this day, in general neither Portuguese women writers nor critics have sought to replace this with a matrilinear feminist counterhistory” (OWEN; PAZOS ALONSO, 2011, p. 206), acrescentando, a partir de um conjunto de autoras estudadas do século XX (Florbela Espanca, Irene Lisboa, Agustina Bessa-Luís, Natália Correia, Hélia Correia, Lídia Jorge), o quão problemático é o reconhecimento mesmo de autoras contemporâneas e a urgência de ser repensado o papel dos estudos de gênero na literatura portuguesa:

Accordingly, we hope that the writers we have chosen to analyse here stand not as reinstated canonical norms, but rather as a thought-provoking cross-sample, aimed at opening the entire question of canonicity, cultural memory, and literary tradition to the interrogation of gender politics. Read in conjunction, all of them certainly afford particular, historical insights into the complex gender politics of achieving institutional acceptance and validation in the national canon at different points in the twentieth century (OWEN; PAZOS ALONSO, 2011, p. 209).

Em suma, apenas quando efetivamente estudarmos a produção literária de mulheres antes de mil e novecentos poderemos chegar a algumas conclusões sobre o percurso da autoria feminina e o acesso das mulheres à literacia. O nosso trabalho é apenas um alerta e convite para os futuros pesquisadores se atentarem que as mulheres no contexto da literatura portuguesa (e em língua portuguesa) pensaram e tentaram, cada uma à sua maneira, produzir literatura, mesmo em meio a uma ideia (conscientemente ou não) de negação da mulher como sujeito com capacidade intelectual, principalmente no que diz respeito às produções anteriores ao século XX.

---

Gama, autora do século XVI, que no frontispício de sua obra *Ditos da Freira* assinala, em primeiro lugar, o seu estatuto de “freira de Terceira Regra” (ainda que fictício) como autoridade que se impõe pelo epíteto qualitativo da erudição feminina e da respeitabilidade social, e apesar de, simultaneamente, admitir sua pouca capacidade de escrita, humildemente. Ou seja, o que Joana da Gama fez foi referir que, por ser mulher, seus ditos seriam de pouca qualidade (obedecendo assim aos estereótipos que seriam importantes tomar sobre si) sem, no entanto, desprestigiá-los, afirmando que seriam de extremo valor para o leitor.

## Referências

ALEGRIA, José Augusto. *A poetisa Florbela Espanca: o processo de uma causa*. Évora: Centro de Estudos Manuel Mendes da Conceição Santos, 1955.

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne. *Stéréotypes et clichés: langue, discours, société*. Paris: Nathan, 1997.

ANASTÁCIO, Vanda. Mulheres varonis e interesses domésticos: reflexões acerca do discurso produzido pela História Literária acerca das mulheres escritoras da viragem do séc.XVIII para o século XIX. In: \_\_\_\_\_. *Cartographies. Mélanges offerts à Maria Alzira Seixo*. Lisboa, p. 537-556, 2005. Disponível em: <[http://www.vanda-anastacio.at/articles/1\\_Mulheres%20varonis\\_locked.pdf](http://www.vanda-anastacio.at/articles/1_Mulheres%20varonis_locked.pdf)>. Acesso em: 24 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Uma antologia improvável: a escrita das mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

APRESENTAÇÃO, Damaso da. Licença. In: PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. *Memorial da Infancia de Christo e Triumpho do Divino Amor: primeira parte*. Lisboa: Of. Jorge Rodriguez, 1639. [s.p.]

BARROS, João. Quarta razão contra o matrimónio: por a simpreza das mulheres. In: ANASTÁCIO, Vanda (Org.). *Uma antologia improvável: a escrita das mulheres (séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2013. p. 50-52.

BARROS, Thereza Leitão de. *Escritoras de Portugal*. Lisboa: Tip. Artur, 1924. v. 2.

CASARES, Aurelia Martín. *Antropologia del género: culturas, mitos y estereótipos sexuales*. 2. ed. Madrid: Ediciones Cátedra – Universidad de Valência, 2008.

CIDADE, Hernani. *A Marquesa de Alorna: sua vida e obra*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1930.

CONDE, Antónia Fialho. Espaço literário feminino: a obra de Soror Maria de Mesquita Pimentel. In: OLIVEIRA, Francisco et al. (Coord.). *Espaços e paisagens: antiguidade clássica e herança contemporânea: línguas e literaturas. Idade Média. Renascimento. Recepção*. Coimbra: APEC, 2009. v. 2. p. 353-360. Disponível em: <<http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3992/1/pimentel%20apec.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

COSTA, Susana; SANTOS, Susana Marta dos. *Estereótipo da mulher em Portugal e sua relação com a discriminação sexual no trabalho*. Lisboa: CITE, 1997.

EDFELDT, Chararina. *Uma história na história: representações da autoria feminina na História da literatura portuguesa do século XX*. Montijo: Câmara Municipal do Montijo, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade do saber*. Tradução Pedro Tamen. Lisboa: Relógio d'Água, 1994a. v. 1.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Tradução Pedro Tamen. Lisboa: Relógio d'Água, 1994b. v. 2.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Tradução Pedro Tamen. Lisboa: Relógio d'Água, 1994c. v. 3.

KLOBUCKA, Anna. Sobre a hipótese de uma *herstory* da literatura portuguesa. *Veredas*, Santiago de Compostela, n. 10, p. 13-25, 2008.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Of. Antonio Isidoro da Fonseca, 1752.

MITCHELL, G. Duncan (Org.). *Novo Dicionário de Sociologia*. Tradução Maria da Graça Barbedo. Lisboa: Rés-Editora, 1970.

MOISÉS, Massaud. *Literatura Portuguesa através dos textos*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

OWEN, Hilary; PAZOS ALONSO, Cláudia. *Antigone's Daughters? Gender, genealogy, and the politics of authorship in 20<sup>th</sup> Century Portuguese Women's Writing*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2011.

PIÉRON, Henri (Org.). *Dicionário de Psicologia*. Tradução Dora de Barros Cullinan. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1977.

PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. *Memorial da Infancia de Christo e Triumpho do Divino Amor: primeira parte*. Lisboa: Of. Jorge Rodriguez, 1639.

SILVA, Fabio Mario da. *Cânone Literários e estereótipos femininos: casos problemáticos de escritoras portuguesas*. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Universidade de Évora, Évora, 2013.